[Recensão a] Desiderio VAQUERIZO (ed.), Espacios y usos funerarios en el Occidente romano

Autor(es): Alarcão, Jorge de

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37692>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_42_10

Accessed : 26-Apr-2023 14:50:46

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CONIMBRIGA

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

VOLUME XLII - 2003

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

manência — e a um deles pertenceria a casa C1; abaixo, contramestres — e na casa de um proprietário ou concessionário poderia residir, em permanência, o seu contramestre, eventualmente um liberto; finalmente, os trabalhadores, assalariados livres. O nível de vida dos contramestres não seria significativamente distinto do dos trabalhadores. Assim explicaríamos a arquitectura mais elaborada da casa C1: era aquela onde o proprietário/concessionário se alojava quando vinha à mina fazer os pagamentos e recolher os lingotes, e onde, em permanência, residia o seu contramestre. São estas incertezas sobre os aspectos da vida social do povoado que tornam mais lamentável ainda a interrupção de um projecto de investigação que, a ter sido prosseguido, teria feito deste sítio, do ponto de vista científico, um dos mais interessantes entre todos os escavados nos últimos anos na Península Ibérica. Apesar de tudo, concordaremos com o que escrevem, em conclusão, Cl. Domergue e P. Sillières: que La Loba é ainda o melhor exemplo escavado de povoado mineiro hispânico de época republicana.

A curta duração do povoado não é fácil de explicar, mas as sugestões de Cl. Domergue e P. Sillières — ou as perturbações das guerras sertorianas ou o esgotamento dos filões, tendo em conta as técnicas da época — afiguram-se verosímeis; prudentemente, porém, os autores propõem ainda outras explicações e sugerem uma crise económica e social de algum modo não directamente relacionada com o conflito sertoriano.

A presente obra traz um contributo extremamente importante para nos fazermos mais concreta ideia da “corrida” dos Itálicos às minas da Hispânia, a que alude Diodoro.

JORGE DE ALARCÃO

Desiderio VAQUERIZO (ed.), *Espacios y usos funerarios en el Occidente romano*, Universidad de Córdoba, Seminário de Arqueologia, 2002. 2 vols., 377 + 391 p.

Os dois volumes desta obra reúnem as comunicações apresentadas ao congresso internacional que se realizou em Córdoba em Junho de 2001. O lugar do encontro justificou-se pela existência, na Universidade de Córdoba, de um projecto de investigação sobre “Espacios y usos funerarios en Corduba”, dirigido pelo Prof. Desiderio Vaquerizo, projecto no âmbito do qual se publicou, em 2001, uma excelente monografia intitulada *Funus Cordubensium. Costumbres funerarios en la Cordoba romana*.

Talvez “monumentos, espaços e usos funerários” fosse título mais completo ou adequado para estas actas. Com efeito, muitas das comunicações abordam os monumentos funerários, mais do que o espaço das necrópoles; mas pouco importa

esta sugestão de título mais apropriado, pois os monumentos podem considerar-se, eles mesmos, um espaço — micro-espaço inserido no espaço mais vasto das necrópoles.

O parente pobre do congresso foram os “usos” ou “práticas”, se por estes termos entendemos as exéquias, as manifestações do luto, as cerimónias que em certas datas reuniam familiares e amigos em torno do túmulo. Estes aspectos, não tendo sido expressamente tematizados, não estão, porém, por inteiro ausentes de algumas comunicações. Exigiriam uma abordagem mais antropológica que, simplesmente, não foi opção do Prof. Vaquerizo, organizador do encontro.

O grosso das comunicações insere-se em duas linhas: a topografia das necrópoles e a tipologia dos monumentos, sejam estes jazigos de maior ou menor elaboração arquitectónica ou simples sepulturas térreas, à superfície assinaladas (ou não) por epígrafes. Outras comunicações cabem numa linha que podemos chamar de exploração semântica dos monumentos — pois abordam estes como expressões de tendências sociais, mentalidades ou ideologias.

Cabem nesta última linha (a semântica) as comunicações de P. Gros, H. von Hessberg, P. Zanker e Bendala Galán. Os dois primeiros, analisando a arquitectura dos monumentos, explicam as formas por uma vontade dos dedicantes de afirmarem a posição social de suas famílias (ou de construírem, através dos monumentos, a sua preeminência social). Como justamente observa H. von Hessberg, essa afirmação de posição social fazia-se, porém, igualmente através das cerimónias, mais ou menos sumptuosas ou concorridas (aquelas cerimónias que, como dissemos, mereceram alusões da parte de alguns comunicantes mas não tratamento tematizado).

P. Zanker, numa análise dos temas dos sarcófagos, mostra como eles se devem entender como manifestação retórica, através das imagens, da tristeza dos enlutados, tristeza essa que a contemplação dos temas sustentava ou activava aquando da visita de familiares e amigos aos túmulos em ocasiões eventualmente comemorativas. Mas, observa Zanker, a imagética dos sarcófagos podia ao mesmo tempo consolar os familiares pela representação metafórica de um outro mundo feliz. Os temas dos sarcófagos podiam ainda constituir metafórico “elogio” ou “mostração” das virtudes dos falecidos, designadamente das suas virtudes familiares. Não podemos deixar de pensar quão longe poderia ir a exploração destas ideias: até à escatologia e às representações sociais do que deveriam ser as virtudes familiares.

Bendala Galán, pelo contrário, insiste no que constituía mostração ou valorização das virtudes cívicas ou públicas. Não há, porém, contradição entre as teses de P. Zanker e de Bendala Galán, pois este atende a um período mais antigo, enquanto P. Zanker analisa os sarcófagos de época posterior a Adriano.

Qualquer das quatro comunicações iniciais expõe, da maneira sintética que os tempos do congresso exigiam, ideias brilhantes para serem desenvolvidas em monografias.

Também não parece ter sido proposta, aos congressistas convocadas, como tema específico de investigação, a leitura da organização dos espaços funerários,

dos tipos de sepulturas e até dos espólios como índices de regionalismos, eventualmente coincidentes com particulares sentimentos de identidades (e diferenças) étnicas; mas o tema não deixa de ser abordado, particularmente na comunicação de Alicia Jiménez Díez.

A análise da implantação dos cemitérios na periferia urbana e ao longo das vias é feita para várias cidades hispânicas, como Tarragona, Mérida ou Valência. As formas arquitectónicas monumentais constituíram, porém, o tema que neste congresso se privilegiou.

Tais formas não ficaram circunscritas às áreas mais romanizadas da Península Ibérica. José A. Abásolo mostra que nas zonas menos romanizadas do Centro e do Norte — ou nas áreas cuja romanização foi doutra índole (para nos servirmos da expressão do autor) — também houve formas monumentais, embora seja pouco o que delas, hoje, conhecemos. Do inventário das formas monumentais feito por M.^a Luisa Cancela Ramírez de Arellano também se conclui que tais formas foram mais frequentes do que se pensava. A leitura desta última comunicação torna patente como os estudos formais de monumentos funerários bem ou razoavelmente conservados é a única maneira de entender e valorizar as muitas e dispersas peças soltas de monumentos desmontados ou destruídos, peças que, como *dissecta membra*, só poderão ser reintegradas ou entendidas a partir das imagens prévias que tivermos de monumentos que tenham chegado até nós em estado mais íntegro.

Um interessante estudo de *dissecta membra* é o de José Beltrán Fortes, que, aliás, procura entender também as continuidades/novidades de transição do mundo ibérico aos tempos tardo-republicanos e imperiais. Outros autores, quer atendam às formas arquitectónicas, quer aos espólios, manifestam a mesma preocupação de salientar que o anterior não desaparece, de súbito rejeitado, nos tempos que depois vêm, ou que a história não procede por cortes.

A raridade, que há muitos anos assinalávamos, de formas arquitectónicas funerárias monumentais no território português é apenas aparente, como demonstra a comunicação de J. C. Caetano — aliás, com uma exposição muito abrangente sobre necrópoles e ritos funerários do Portugal romano.

Outras comunicações abordaram outros lugares (Sabratha, Isola Sacra, Abellinum) ou outros temas (pintura funerária, sarcófagos, legislação). A. U. Stylow mostra como a epigrafia permite deduzir a existência de monumentos infelizmente desaparecidos, revela as dimensões dos precintos funerários e até ajuda a reconstituir a forma de monumentos dos quais não temos, hoje, mais do que as lápides epigrafadas.

A terminar a primeira parte da obra, Agustín Azkarate Garai-Olaun dá “uma mirada” à historiografia sobre as necrópoles tardo-romanas e medievais, mostrando como o tema tem conhecido, desde meados do século passado, notáveis progressos teórico-metodológicos.

Reunido em Córdoba, o congresso não podia ignorar o muito que, recolhido de informações antigas mas, sobretudo, revelado por trabalhos recentes, se conhece do “ejemplo cordobés”. A historiografia antiga, com particular realce para Ambrósio de Morales, e a metodologia que se aplicou para o tratamento informático

dos dados constituem objecto de duas pequenas mas interessantes comunicações. *Disjecta membra* de ornamentação arquitectónica dos monumentos funerários de *Colonia Patricia* (altares, edículas, *tholoi*) são analisados por Carlos Márquez. Com amplo conhecimento também da arquitectura de carácter público, detecta, numa primeira fase, a presença de mestres e artífices forâneos de origem centro-italica ou mesmo de Roma, com os quais aprenderam os artistas locais. Será apenas nos inícios do séc. II d.C. que se forjarão produções locais claramente libertas de influências externas.

A influência centro-italica é manifesta nos extraordinários mausoléus circulares da Puerta de los Gallegos, escavados por uma equipa dirigida por Juan F. Murillo. Construídos na época de Tibério, estes monumentos pertenceram, sem dúvida, a uma das principais famílias cordovesas, não só pela monumentalidade da obra e pela origem do tipo, como pela situação privilegiada junto a uma das portas da muralha.

Inclui ainda a obra estudos sobre sarcófagos de chumbo, incinerações em urnas de cerâmica ou espólios funerários.

Como verdadeiro motor do projecto *Espacio y usos funerarios en Corduba*, Desiderio Vaquerizo apresenta uma síntese dos resultados obtidos e dos problemas que suscitam as diversas necrópoles cordovesas, entendidas agora, na expressão do autor, como *yacimiento único*.

Apesar do elevado número de monumentos ou enterramentos identificados, existe uma quase total ausência de sepulturas dos dois primeiros séculos de vida da cidade. Não podendo ser esquecida, a hipótese de as necrópoles mais antigas terem sido ocupadas pela expansão da área urbana construída não encontrou ainda generalizada confirmação, embora nalguns casos se tenham, efectivamente, encontrado sepulturas sob *domus* posteriores.

A variadíssima tipologia dos enterramentos e monumentos é objecto de uma sistematização que em esquemáticos mas elucidativos desenhos se torna extremamente clara. Mas perguntamo-nos se a análise não terá ido longe demais: que diferenças existem, por exemplo, entre os tipos 10 e 13 ou 92 e 93? Por outro lado, se o estudo das necrópoles como *yacimiento único* é uma perspectiva com virtualidades teóricas, perde-se a contextualização. Assim, ficamos sem saber se determinado tipo se encontra em diversas necrópoles, em diferentes áreas de uma mesma necrópole ou apenas numa precisa área de um preciso cemitério. Ficamos igualmente sem saber, por exemplo, se os espólios que acompanham as sepulturas do tipo 93 são idênticos ou diversos dos que se encontram nas sepulturas de tipo 36 ou 53.

A diversidade que sob muitos aspectos se observa (no uso de cremação/inumação, na sobreposição ou não de enterramentos, nos espólios enterrados com as cinzas ou os corpos, etc.) desafia o intento (ao qual D. Vaquerizo não se furta) de encontrar explicações plausíveis. Perguntamo-nos se tal diversidade não é, afinal, o reflexo directo de uma sociedade urbana complexa, com grandes distâncias entre os mais ricos e os mais pobres, os socialmente mais influentes e a gente miúda, com diferenças de origem étnica, outras de mentalidade, outras de ordem sócio-profis-

sional — sem esquecer que alguém falecido no seio de uma grande e unida família teria, naturalmente, pompa fúnebre e sepultura muito diferente de quem morria solitário ou assistido por poucos. Reconhecemos a extrema complexidade do problema. Uma sepultura muito simples, como a de tipo 5 (com uma ânfora sobre as cinzas depositadas em fossa) poderá ser julgada de alguém pobre e pouco ou mal acompanhado na morte. Mas a própria ânfora, a ter servido para libações, não significa afinal que esse alguém, aparentemente pobre, tinha quem lhe fizesse um “banquete” funerário? Nesta cadeia de interrogações, não podemos esquecer-nos de que, em meios populares ou camponeses, até tempos recentes, era um hábito (que não se observava em camadas cultas da população) oferecer farta comida e bebida a quem vinha velar o morto e acompanhar o féretro. Sem pretendermos dar lições a quem, sobre práticas funerárias romanas, sabe muito mais do que nós, não deixaremos de perguntar-nos se não seria de tentar um programa teórico de investigação (com base em estudos antropológicos) das variáveis comportamentais susceptíveis de explicarem a variedade tipológica dos enterramentos. Por outro lado, as diferenças que, por exemplo, se observam na armação das sepulturas com cobertura de *tegulae* não poderiam ter a ver, simplesmente, com práticas de um coveiro, distintas da de outro coveiro, dispondo um deles as *tegulae* em plano, enquanto o outro as dispunha em telhado de duas vertentes?

A tendência actual para entender os monumentos funerários como auto-representações da importância social (ou como recurso para construir a própria preeminência) não deve fazer esquecer que a maior parte da população não tinha posição sócio-económica que quisesse tornar patente ou da qual se pudesse orgulhar. Por outro lado, o que de muito interesse se diz sobre precintos familiares ou de *collegia* não pode afastar o pensamento de que muita gente poderia, talvez, ser sepultada em áreas não divididas em talhões de família. Parece-nos que a variabilidade das práticas funerárias romanas não encontrou ainda a teorização que para outros contextos temporais ou espaciais já se atingiu.

As incidências do Cristianismo e da construção do palácio de Cercadilla na reestruturação do tecido urbano cordovês são brevemente tratadas por Isabel Sánchez Ramos como introdução ao estudo da ocupação paleocristã de um sector da necrópole ocidental, onde se edificou uma basílica ou um mosteiro dos sécs. V-VIII.

Rafael Hidalgo, por seu turno, estuda a cristianização do palácio de Cercadilla, possivelmente no tempo do bispo Osio, contemporâneo de Constantino, e a necrópole associada, que parece ter sido utilizada do séc. V ao X ou XI.

Julgamos ter dado, através desta recensão, ideia da riqueza do conteúdo destas Actas do congresso cordovês, que incluem 34 comunicações. Múltiplos temas se abordam, desde o programa informático para tratamento de dados até à tipologia dos monumentos, desde a semântica dos monumentos de maior visibilidade arquitectónica à paleoantropologia. Incluem-se estudos de análise de espólios, inventários de monumentos, topografias cemiteriais de várias cidades, reflexões sobre pressupostos ou princípios teórico-metodológicos de análise do que se relaciona com a arqueologia da morte. A obra, para além do que nos revela e ensina,

constitui um ponto de partida para novos trabalhos — pois, como diz Desiderio Vaquerizo, o programa de investigação do Seminário de Arqueologia de Córdoba não se encerra aqui, mas aqui recomeça ou daqui prossegue.

JORGE DE ALARCÃO

NOGALES BASARRATE (Trinidad) e SÁNCHEZ-PALENCIA (Francisco Javier) (coord.), *El Circo en Hispania Romana*. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte de Espanha, com a colaboração da Dirección General de Patrimonio de la Consejería de Cultura de la Junta de Extremadura. Madrid, 2001. 304 p., ilustr. ISBN: 84-369-3532-2.

Trata-se da publicação das actas do congresso internacional promovido pelo Museo Nacional de Arte Romano em Mérida, em Março de 2001, sobre o tema veiculado pelo título: «El Circo en Hispania Romana».

Na continuidade de um conjunto de outros colóquios científicos promovidos pelo mesmo Museu e que se dedicaram ao estudo e análise dos edifícios de espectáculo na Hispânia, a exemplo de *El Teatro en la Hispania Romana* (1982) e de *El Anfiteatro en la Hispania Romana* (1992), o encontro realizado em 2001 pretendia, segundo os seus organizadores, reflectir sobre as várias facetas relacionadas com o circo, no que respeita ao edifício nos seus aspectos mais estritamente arquitectónicos e lúdicos e, ainda, nas suas expressões iconográfica, social e política.

A obra inicia-se com uma apresentação do Circo Máximo, em Roma, e do Circo de Maxêncio, uma vez que se pretendia fazer um paralelo entre lugares de espectáculo deste tipo construídos em Itália e na Hispânia.

Paola Ciancio Rossetto dedica-se ao Circo Máximo de Roma, enquanto modelo arquitectónico dos circos em período romano, pois a construção monumentalizada do período de Trajano vai contribuir, de forma paradigmática, para consumir a ruptura com a tradição do hipódromo grego de estrutura mais simples ou mesmo efémera. Essa ruptura vinha, aliás, a ser já feita desde o século I a. C. através da construção de vários tipos de edifícios dedicados a corridas de cavalos.

Contudo, mais do que as implicações arquitectónicas que possa ter, a edificação de um lugar de espectáculo com as características monumentais do Circo Máximo reflecte aspectos políticos e ideológicos relacionados com o culto imperial e com a sua exaltação através da realização dos *ludi circenses*. Reedificado num local já historicamente usado para corridas de cavalos, junto ao Palatino, passa a estar preparado para uma utilização polivalente, ou seja, podem aí decorrer outros tipos de manifestações lúdicas e comemorativas, como as procissões triunfais.

Por seu lado, o artigo de Giuseppina Pisani Sartorio dá-nos conta da construção mais tardia, nos arredores de Roma, de um outro edifício paradigmático: o